Ano XI — Lisboa, Janeiro de 1956 — N.º 129

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50
Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

ESPECTATIVA...



Poucos dias vão passados sobre o momento solene em que a última badalada de bronze pôs fim a um ano, abrindo automàticamente as portas a outro. E este facto, banal por repetido todos os anos em igual data, parece que deveria deixar indiferentes os homens, dessa indiferença que raia pelo cepticismo, por tantas vezes a mesma esperança ter sido iludida no limiar de cada novo ano.

Mas não. Milhares, milhões de seres esperaram por esse mundo fora o momento solene em que o relógio deixou cair pausadamente as pancadas sonoras da meia-noite, para abrirem os olhos, quantas vezes cansados de chorar, quantas vezes pesados de amargura, ao novo ano que seria portador de uma esperança nova, como quem diz, do fim de todo o sofrimento.

É que a esperança, como na fábula célebre de Pândora, é sempre a única a ficar no fundo da boceta, já quando esta se esvaziou dos males que continha, essa esperança que alguém disse um dia ser a única riqueza do pobre. Ai se não fosse!...

Teima o homem em esperar o fim dos males, teima o desgraçado em aguardar o fim da sua desgraça, teimam todos em crer no breve advento da felicidade, que para uns se corporiza na riqueza, para outros nas honrarias, para tantos e tantos no prazer, para tão poucos, afinal, na satisfação plena do dever cumprido.

Mas para o homem que pensa, para aquele cujo olhar ultrapassa as paredes da sua casa, os breves limites do seu bairro, as próprias fronteiras da sua pátria e se projecta sobre o planeta como um foco potente de luz espiritual a devassar as trevas que pesam sobre o mundo, para esse o advento dum novo ano traduz a ideia de espectativa perante o incógnito, o desconhecido.

Que a mocidade festeje ruidosamente a entrada dum novo ano, compreende-se, por ser essa a época da *insouciance* do homem: ou por generosidade congénita, por ser incapaz de julgar o Mal endémico, ou por leviandade resultante dos poucos anos e a falta de reflexão que só a idade traz, o facto é que os jovens não podiam deixar de proceder de outra forma. Os velhos vivem, na sua maior parte, curvados sobre si mesmos e o seu passado, recordando-o e revivendo-o, como se isso lhes desse a ilusão de tornar mais longo o caminho sombrio que leva à morte.

Mas o homem que pensa não pode assumir, sem quebra da sua dignidade pessoal, outra atitude que não seja a de espectativa, espectativa que os anos vão impondo cada vez com mais força.

Efectivamente, que nos trará o 1956? Talvez analisando cuidadosamente os resíduos que deixaram os anos pretéritos e o 1955 recém-partido, possamos levantar um pouco o véu do futuro. Mas uma coisa é mais que certa e que não fará senão agravar-se à medida que os meses decorram: a loucura do homem continua a empurrá-lo para a destruição total.

Espectativa? Sim, mas espectativa atónita perante os excessos que todos os dias revelam que a febre aumenta e o delírio chegará breve. Todos os que pensamos e meditamos e sentimos o orgulho da nossa humanidade, estamos de olhos bem abertos a perscrutar esse futuro incerto que ora se nos abre, à procura dum indício, por leve que seja, de que o mal diminui ou aumenta, e, portanto, que caminhamos para a Luz ou para as Trevas, na certeza antecipada de estas serem perenes.

(Conclui na 2.ª página)

MAIS UM ANO!

A XI Estrela de Serviço

«Sempre Pronto» entra com o presente número no seu 11.º ano de publicação. Não podemos deixar de assinalar esta data, já que ela marca uma etapa mais nos trabalhos de todos aqueles que em boa harmonia e na melhor colaboração labutam por esta Causa e a têm sabido manter, sem desfalecimentos, através de todas as dificuldades e incompreensões.

Lançando um olhar retrospectivo para os 10 anos de publicação que ficaram para trás, anima-nos verificar que o jornal tem-se mantido fiel ao seu programa, oferecendo ao Escotismo Nacional uma tribuna onde os seus problemas são tratados com critério sempre igual, sem tergiversações, sem procurar êxitos fáceis através de louvaminhas, mas não recusando também a justiça a quem a merece e a ela tem inegável direito.

Seria mais fácil usar método diferente. Se enveredássemos pelo caminho de lisongear vaidadezinhas, poderíamos, certamente, contar com uma melhor colaboração de elementos que se mostram avessos ao nosso trabalho porque não publicamos os seus nomes em grossas parangonas e não proclamamos as obras que eles sonham *fazer. Procuramos antes escutar a exortação do Presidente dos Escoteiros de Portugal e* seguir intransigentemente os princípios e deveres de todo o bom escoteiro, *atitude mais difícil, é certo, mas que nos tem trazido e continuará a trazer as simpatias daqueles que com o mesmo espírito labutam ou têm labutado na Causa Escotista.*

Para esses, que nos têm animado através da sua cooperação constante, vão, neste momento, as nossas mais sinceras saudações e agradecimentos. Os restantes, se resolverem também optar por uma atitude intransigentemente escoteira, *contam com o «Sempre Pronto», que prosseguirá fiel à directriz estabelecida no seu primeiro número* — nunca negar a colaboração a todos aqueles que se esforcem pela cultura e pela educação da gente nova.

ESPECTATIVA...

(*Conclusão da 1.ª página*)

Uma vaga de loucura ameaça, de facto, o Homem e a civilização. Dos quatro cantos da Terra, indiferentes à Alegria, à Dor, à Beleza, ao Amor, a tudo o que contribuí para formar o Homem na plenitude do seu ser espiritual e moral, se erguem nuvens caliginosas, perante as quais as do dilúvio bíblico deveriam assemelhar-se a pequeninos farrapos de algodão em rama suspensos do firmamento.

E perante essa vaga e esses bulcões ameaçadores que turvam a claridade meridiana do Sol, o homem de pensamento concentra-se por momentos e pergunta angustiado para onde vai o mundo. Desde a época remota dos troglodítas, que a vida do homem tem sido uma epopeia grandiosa de luta contra a Natureza. No decurso dos muitos milhares de anos lançaram-se os fundamentos de dezenas de civilizações, que foram legando sucessivamente às suas herdeiras e continuadoras uma soma de princípios e de realização que chegaram até nós e informam a nossa Civilização. No campo da Ciência, da Arte, da Moral e da Técnica levaram-se a cabo obras imorredouras, que são o orgulho do Homem e do planeta. E só por essa centelha divina que o anima, por esse entusiasmo (no seu sentido etimológico) que o impulsionou pelos séculos fora, ele pode sentir-se orgulhoso da sua obra, filha do seu espírito e, tantas vezes, do seu próprio sangue.

Sobre um substrato de sangue, de lágrimas e de esperanças radiosas se ergueu o edifício da Civilização, cujos fundamentos toscos assentam sobre o *coup-de-poing* do nosso remotíssimo antepassado cavernícola e cujo topo ainda se não edificou. Torre grandiosa erguida pelos séculos fora pelo esforço conjugado ou continuado de milhares e milhares de gerações, a Civilização tende a erguer-se cada vez mais alto, não com intuitos destruidores como os dos Gigantes da fábula, mas numa ascese para um ideal cada vez mais elevado e nobre, a que todo o homem aspira, mas que tantas vezes se sente impotente para atingir. Muitos milhões de cadáveres ficaram pelo caminho, muitos e muitos deles soterrados nos fundamentos do edifício que elevavam, e a que o seu sangue generoso serviu de água lustral.

E de cada andar que o homem edifica, por se encontrar cada vez mais alto, parece que o ideal se iria purificando e tendendo para lhe dar essa força de alma capaz de o fazer um ser perfeito. Mas o homem cansou-se de olhar *para cima*, e tendo olhado *para baixo* pensou:

—Quão *alto* subi!

Daí o orgulho, com este a ambição. E a obra da civilização está em risco de gorar-se, porque o homem se sente capaz de dominar o Universo, não já com a força da sua inteligência ou do seu coração, mas com a força bruta que aquela inteligência conseguiu arrancar à Natureza!

Estamos num daqueles *tournants* da História, em que é patente o encontro de duas eras distintas, uma a desaparecer, outra a formar-se. Mas nenhuma delas foi mais temerosa e ofereceu ao homem mais justos receios pelo seu futuro, como aquela que vamos a atravessar. Forças conjugadas que poderiam abrir o caminho à nova Idade de Ouro, com que os homens sonham desde há centenas de séculos, e conduzir o Homem ao jardim da Felicidade, mostram-se antes apostadas em desencadear as forças telúricas para destruirem o próprio planeta. Esquecido de todas as conquistas positivas do passado, que lhe deram todos os formidáveis recursos de que ele agora dispõe, o homem, crendo-se Super-Homem, apresta-se para lançar fogo ao orbe que habita. Terá coragem bastante para conter o acto criminoso e revoltante? Ouvirá a voz da sua consciência, *la petite voix dedans*, que é, no fim de contas, a voz dos séculos a ressoar através as idades? Recuará a tempo?

Por isso é de espectativa ansiosa a nossa atitude perante o ano recém-entrado, crentes, apesar de tudo, no valor das forças espirituais e morais que do Antropóide hirsuto fizeram o Homem apolíneo, e que lhe deterão o braço no momento do acto. Apesar de tudo cremos no Homem e no seu destino. Eis por que a nossa espectativa, embora ansiosa, não é de desesperação. O Homem salvará os homens!

O Velho Lobo Negro do Norte

E. C. D.



UMA CAMPANHA EM MARCHA

O evangelho em cada lar sob a bandeira de Portugal

No momento difícil que o Mundo agora vive, só o Evangelho pode orientar a humanidade por caminhos de paz e felicidade. Woodrow Wilson afirmou que «*não há nação, por grande que seja, que possa sobreviver às suas próprias tentações e loucuras, se não cuida em doutrinar os seus filhos na Palavra de Deus. A justiça das nações, como a justiça dos indivíduos, há-de ter a sua origem nessa fonte de inspiração. Tenho pena dos homens que não lêem a Bíblia todos os dias...*»

Mais do que ninguém, os escoteiros necessitam de buscar inspiração para as suas vidas nas páginas do Evangelho, que nos oferecem os melhores pensamentos e normas de acção, como estas que a seguir transcrevemos.

A SUPREMA EXCELÊNCIA DO AMOR

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

E ainda que tivesse o dom de profecia, conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

O amor é sofredor, é benigno: o amor não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal.

Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor nunca falha, mas havendo profecias, serão aniquiladas: havendo línguas cessarão; havendo ciência desaparecerá.

(...) Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face. Agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estas três, mas a maior destas virtudes é o amor.

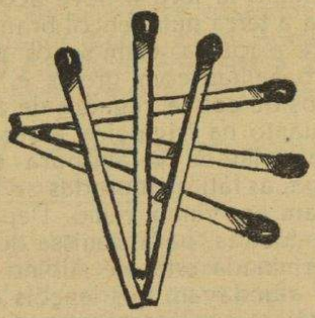
Da I Epístola de S. Paulo aos Coríntios.

A todos os leitores que no-lo requisitarem, «Sempre Pronto» oferecerá um exemplar do «Novo Testamento».

Um problema difícil

Afinal o Carlos, depois de porfiadas combinações, conseguiu encontrar a solução do problema dos fósforos. Ficou radiante, como é de calcular, pois a rivalidade com o João estava fortemente acendrada.

No dia de reunião da «Veado», Carlos dirigiu-se mais cedo do que habitualmente para a sede e aí, no quadro negro, fez, com todo o cuidado, um desenho igual ao que reproduzimos abaixo.



Quando João chegou, viu logo que o seu amigo tinha acertado na solução. Chegando junto dele, apertando-lhe a mão, disse-lhe:

—Muito bem, acertaste. Os meus parabéns.

É claro que Carlos ficou muito satisfeito e prometeu trazer novo problema em próxima reunião.

* * *

Como os nossos leitores podem verificar, a solução apresentada satisfaz completamente os requisitos solicitados; cada um dos 6 fósforos toca nos outros 5, numa combinação feita sem os quebrar.

Com muito gosto, temos a anunciar que não foi só o Carlos que logrou encontrar a solução. Alguns escoteiros alcançaram igual resultado; são eles os escoteiros Vítor Venâncio, do «6» de Olhão, José Manuel de Jesus Fernandes, do «60» de Vila Real de Santo António e João Margarido da Cruz Pinto dos Reis e Manuel A. Couto da Silva Cruz, de Vila Nova de de Gaia. A estes dois últimos dos nossos amigos, agradecemos e retribuímos, gostosamente, os cumprimentos de boas festas.

Foram estes amigos que acertaram na solução, alguns apresentando combinações diferentes, mas absolutamente satisfatórias; a todos eles vão ser enviadas as prometidas lembranças.

O nosso amigo João Luís Pereira Guedes enviou-nos uma resposta, que, infelizmente, não observa as condições estabelecidas. Paciência; noutra ocasião será mais feliz nos seus esforços.

★ ● ★

«WORLD SCOUTING»

Esta revista, órgão oficial do Escotismo Mundial, até há pouco tempo denominada «Jamboree», era dirigida desde o fim da segunda grande guerra por E. E. Reynolds, figura de muito prestígio no mundo escotista, escritor e biógrafo de B.-P., que a este trabalho dava há 10 anos o melhor do seu esforço. Na última Conferência Internacional, E. E. Reynolds anunciou que deixaria este seu cargo no fim de 1955. Para Editor da revista «World Scouting» foi escolhido Ronnie Porcelli, cuja aptidão e conhecimentos escotistas o qualificam como um digno substituto de E. E. Reynolds.

«Sempre Pronto» saúda o novo Editor e deseja-lhe muitas felicidades no desempenho do seu cargo.

MENSAGEM DE ANO NOVO

DO PRESIDENTE DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Escoteiros:

No grato cumprimento de uma missão que vai já ganhando foros tradicionais, sinto especial contentamento em poder dirigir a todos os Escoteiros de Portugal, no limiar do ano de 1956, algumas breves palavras que, a um tempo, serão de saudação, de agradecimento e de exortação para o futuro.

Palavras de saudação, primeiro, para a todos desejar, afectuosamente, as felicidades e venturas de que sois dignos na paz, alegria e ternura dos vossos lares portugueses e cristãos.

Palavras de agradecimento, depois, dirigidas sem distinção a quantos pertencem à grande Família Escotista Nacional, pelo muito que, durante o ano que agora finda, deram em esforço e dedicação a esta obra que todos amamos enternecidamente e que desejamos ver, dia a dia, aumentada e enobrecida em todos os sectores em que se projecta a sua meritória actividade.

Palavras de exortação, por fim, ditas com o calor e o entusiasmo de quem se honra de presidir aos destinos da Associação dos Escoteiros de Portugal, e, por isso mesmo, a deseja saber cada vez mais prestigiada e sempre à altura da grande missão que lhe incumbe desempenhar na vida escotista do País.

Escola magnífica de almas e corações, o Escotismo bem merece que, a cada instante, lhe dediqueis o melhor do vosso espírito, da vossa inteligência e da vossa boa vontade.

Na hora incerta e conturbada que o mundo atravessa, só a firmeza de ânimo, a lealdade, o espírito cavalheiresco, a decisão, a noção clara das responsabilidades, a fidelidade a Deus e à Pátria, o espírito de obediência e a coragem reflectida podem ajudar os homens a fazer frente aos perigos que, um pouco por toda a parte, se erguem a ameaçar de destruição o que de fundamental e digno existe na vida da Humanidade.

Todos estes predicados—que no seu conjunto formam o verdadeiro e lídimo carácter do homem—estão admiràvelmente condensados nas normas e directrizes que Lorde Baden-Powell traçou como rota do Escotismo.

Por isso, pô-las em prática com devoção e entusiasmo é dever sagrado de todos os escoteiros que, desse modo, não só cumprirão exemplarmente os seus deveres para com a Organização, mas também para com a própria Pátria. E não sei de tarefa que possa ser mais bela do que esta.

Assim, ao terminar esta minha breve mensagem de Ano Novo, a todos vós, Escoteiros de Portugal, vos exorto a seguirdes intransigentemente os princípios e deveres de todo o bom escoteiro, revivendo e continuando assim em pleno século XX o velho espírito que animou, nos tempos da Idade Média, os Cavaleiros da Távola Redonda e os Companheiros da Ordem de S. Jorge.

«Sempre Pronto»

O PRESIDENTE

HENRIQUE DOS SANTOS TENREIRO

O Grupo n.º 85 dos Escoteiros de Portugal comemorou o seu aniversário

O Grupo 85, Divisão Marítima, cujo patrono é o Sr. Comandante Tenreiro, comemorou o seu terceiro aniversário, como grupo marítimo, prestando homenagem ao fundador do Escotismo General Baden-Powell, falecido em 8 de Janeiro de 1942.

O Grupo chefiado pela Escoteiro-Chefe Magalhães Ferraz, acampou nos terrenos do Porto de Lisboa, junto à Associação Desportiva da Brigada Naval, tendo sido celebrada missa campal pelo rev. dr. Erwin Helmen, assistente eclesiástico do Grupo, o qual ao Evangelho proferiu uma alocução sobre a personalidade de Baden-Powell e o seu amor ao escotismo.

Finda a missa, seguiu-se a cerimónia da investidura dos novos caminheiros e por fim um almoço de confraternização entre escoteiros do Grupo 85 e alguns escoteiros do Grupo 79.

Ao acto assistiram escoteiros e chefes dos grupos de Lisboa e pessoas de família.

* * *

Na exposição de livros escotistas portugueses e estrangeiros, que se encontrava patente na sede do Grupo e que foi muito visitada, via-se no local de honra, destinado a revistas portuguesas, a «Flor de Lis», do Corpo Nacional de Escutas e «O Escoteiro» da A. E. P., assim como o nosso jornal.

A grandeza de um país não depende da extensão de seu território, mas do carácter do seu povo.

J. B. COLBERT.



ZÉ ALBINO

Zé Albino era um camponês de Afife, nos arredores de Viana-do-Castelo. Com seus pais, honrado casal de velhotes que outra coisa não viam senão o filho latagão tostado pelo sol, que havia cumprido, no ano findo, o serviço militar em Braga, vivia satisfeito e feliz em sua mediania, na província maravilhosa, cujos habitantes, no dizer de um geógrafo célebre, Réclus, são os melhores de Portugal tanto pela doçura do carácter como pela sua alegria e cordialidade. Aos domingos e dias santificados, montava na bicicleta e ia longe, até Braga e Guimarães e, uma vez mesmo, se internara na serrania abrupta do Gerez.

Uma tarde, deitava-se até Âncora, envolta em dunas de areia da cor do ouro perto das quais se destacava o pequeno fortim. Em chapadas de luz, a paisagem sorria, alegre e deliciosa, entre pinheirais e devesas, a perder-se de vista. Chegava até Soutelo, encravada na serra de Perre, e os seus olhos afogavam-se num deslumbramento imenso. Outras vezes, pedalava até ao monte do Crasto e transpunha a Cividade, admirando as pedreiras da serra cujo granito, rival do mármore, entrara na construção do velho mosteiro de Cabanas. Aqui e além, Zé Albino admirava ruínas de povoações extintas, a intermear-se nas serranias e nas planícies verdejantes. Outras vezes, galgava a serra de Santa Luzia e de lá via o oceano, em que o azul dir-se-ia um prolongamento do infinito. E lembrava-se de ter ouvido certa cantiga em Arcozelo:

> Ó mar alto de Cristo, sagrado
> Quantas almas tens em ti
> Já lá tens a do meu bem
> Já *tás* vingado de mim

Para baixo, era um extenso recortar de campinas e de muros de pedra, tapados de flores campestres. Nos píncaros, moinhos de vento e, nos vales, casinhas caiadas, envoltas em pinheirais.

De quando em vez, mulheres, de faces encarquilhadas, contavam histórias curiosas que corriam de boca em boca, no decorrer de séculos. Ao passar em certa manhã luniosa em Montedor, uma velha, enquanto fiava na roca as estrigas dos seus linhares, deu-se a desfiar uma lenda.

Outras vezes, Zé Albino transpunha as estradas em direcção a Areosa ou lançava-se para Ponte-do-Lima, cujos caminhos são um encanto. Aqui e além descortinavam-se as choças, tapadas de colmo, encravadas nos barrocais e ermidas com seus adros de laje, ensombrados de oliveiras. Cruzeiros de *alminhas* e marcos miliares—a atestar a dominação das falanges romanas—espalhavam-se nas estradas, tendo como fundo o declive pardacento dos montes.

O rapaz conhecia o Minho de lés-a-lés, desde os montanheses de Castro Laboreiro, de capotes de palha, às sargaceiras e aos poveiros do mar, debruçados sobre as redes. E, em todo o Minho, encontrava motivos de beleza: as cangas com enfeites de cor, os trajos das mulheres—lenço e saia azuis, blusa branca, corpete preto, meias bordadas e tamanquinhas, ou de lenço encarnado, corpete azul e saia verde. Outras vezes, ao anoitecer, ouvia o uivar dos lobos nas serranias agrestes.

Nos dias de festa, Zé Albino não faltava às folganças.

Não há festas, nem alegria, como as do Minho.

Umas vezes, eram as espadeladas. Alta noite, quando o céu era um manto negro de estrelas, formava-se uma roda e quando as moçoilas, exuberantes de cor, acabavam de bater, compassadamente, o linho novo com a lâmina firme da espadela, umas vezes sobre o cortiço, outras sobre o espadeladoiro, distribuía-se a ceia, a sardinha pingando sobre a broa. Depois, os mascarados entravam na roda, a intrigar as raparigas. E, intervalando o trabalho, dançava-se e cantava-se, que a própria faina corria também, como a colheita de linho, ao som de tocadores e cantadeiras. No tempo das desfolhadas, os rapazes estavam desejosos que a maçaroca vermelha lhes viesse à mão, pois então aos gritos de *milho-rei*, podiam dar às raparigas o ambicionado abraço.

Na Senhora da Agonia, o camponês entusiasmava-se ao ouvir os morteiros, diante do fogo preso e no ar, representando árvores a arder, um barbeiro movendo o amolador, uma mulher fiando na roca. Na sua frente, o verde crepitando na tijela de barro, acompanhando a petisqueira. E era ver chegar a procissão. Às vezes, armavam-se questões por causa de alguma rapariga mais formosa e lá andavam no ar os varapaus de lódão. Mas os ânimos serenavam e, cobertas de ouro, entre o poviléu, as moças cantavam.

Pelo Natal, com os seus velhotes, Zé Albino abancava à mesa, enquanto lá fora a neve aconchegava a terra num lençol branco. E sobre a toalha, viam-se os pratos de bacalhau com grelos e olhos tenros de couve, regados de azeite, enquanto na frigideira alouravam os pastelinhos de abóbora e, na malga, as fatias douradas se ensopavam em vinho velho. Depois, o sino tocava para a missa do *galo* e, terminada esta, Zé Albino e os pais afundavam nos lençóis alvíssimos.

* * *

Uma tarde, estava Zé Albino à porta da barbearia da aldeia quando um automóvel parou na estrada. Enquanto o motorista reparava a avaria, um passageiro saiu e circunvagou o olhar pela paisagem:

—Oh, muito bonito!—exclamava ele, num português de curioso sotaque.—Sou holandês, mas eu gosto muito de Portugal. É o país mais lindo que tenho visto.

—O senhor fala português muito bem!— retorquiu o Zé Albino.

—Estive muitos anos no Brasil. Terra como Portugal não conheço outra. E o Minho é o canteiro de Portugal. Venho agora do Gerez, estive na Senhora da Penada, ouvi cantar na Senhora da Agonia... E olhe que já tenho corrido uma boa parte do mundo...

A avaria reparou-se. Pouco depois, o automóvel desapareceu numa curva da estrada. Zé Albino, olhando o deslumbrante panorama que o cercava, lembrava-se das palavras do holandês e nunca a sua terra lhe pareceu tão bela...

MANUEL FERREIRA

Depois do Jamboree do Canadá

Extraordinária aventura de 3 escoteiros

Três escoteiros que tomaram parte no «Jamboree Novos Horizontes» resolveram empreender uma extraordinária aventura realizando uma excursão até às regiões árcticas, conseguindo avançar através do Alasca até um ponto situado apenas a 112 quilómetros do Círculo Polar Árctico. Percorreram assim 44.367 quilómetros após os quais os três formidáveis exploradores voltaram para trás por lhes ser impossível atravessar as grandes muralhas de gelo.

BADEN-POWELL FALA SOBRE:

ESCOTISMO — O GRANDE JOGO

«Sempre Pronto» prossegue, conforme prometeu, na tarefa de apresentar algumas legendas das mais autorizadas figuras do Escotismo Mundial, focando os aspectos mais salientes do genuíno Escotismo. Esperamos assim chamar a atenção daqueles que se interessam pelo nosso Movimento para as bases em que deve assentar uma actividade escotista bem orientada.

O Fundador continua a ser a mais inspiradora fonte. Oiçamo-lo:

1.º O Escotismo é um jogo cheio de entusiasmo.

Eis um princípio fundamental do Escotismo, frase por todos já decorada, mas axiona ignorado constantemente na prática. Se o Escotismo é um jogo (não confundir com um programa de jogos) é uma actividade a que o rapaz se entrega por prazer com vista a treinar as suas aptidões.

O jogo é na vida da criança uma actividade necessária ao seu espírito. Através do jogo, satisfaz os instintos de luta, de movimento, de domínio. Por isso o jogo exige acção, movimento, força. Contudo, B.-P. acrescenta ainda — «cheio de entusiasmo». O jogo tem de ser alegre, vivo. Tem de entusiasmar e divertir a rapaziada, mantendo-a contente e interessada.

Quantos dirigentes estão conduzindo os seus grupos por este caminho apontado pelo Fundador? Acaso terão alguma semelhança com *um jogo cheio de entusiasmo* as reuniões dos nossos grupos de escoteiros? Gostaríamos de afirmar que sim, mas as notícias que nos chegam de palestras, discursos, provas, exames, cursos, levam-nos a crer que andamos todos muito afastados destas ideias de Baden-Powell. O «Escotismo para Rapazes» continua a ser a fonte onde nos devemos inspirar, o livro que deve estar sempre na mão do chefe e do escoteiro, e não um ornamento mais para a estante da patrulha.

2.º O Escotismo é um jogo onde rapazes grandes e pequenos buscam juntos a aventura como se fôssem irmãos.

Sim, o Escotismo é um jogo para *rapazes grandes e pequenos.* É indispensável que o chefe seja um homem, mas que seja capaz de ser também um jovem pronto a ser irmão mais velho e junto aos mais novos marchar em busca da aventura. Muitas vezes, mais vezes do que era conveniente, fazemos do escotismo uma coisa muito séria, muito importante, tão séria e tão gravemente importante que nela não cabem os rapazes. É um movimento de chefes, de comissários, de pessoas gradas, onde os rapazitos a custo conseguem lugar. Se ouvirmos Baden-Powell, depressa chegaremos à conclusão de que estamos errados. Este JOGO — o Escotismo — pertence exclusivamente aos rapazes. Os adultos são apenas uns assistentes. Deixai os rapazes brincar e jogar. São eles que devem fazer os programas, os discursos, as festas, os empreendimentos, as Boas Acções! Estas coisas do Escotismo são para os rapazes. Tu, meu caro camarada Dirigente, que à viva força queres mostrar as tuas habilidades no Escotismo, estás roubando o lugar aos rapazes. Limita-te a acompanhá-los em busca da aventura, mas deixa que sejam eles a conquistá-la. Não lhes tires a glória de ganhar o jogo, e reserva para eles todos os louros, todos os louvores, todas as medalhas. Isso faz parte do jogo e é através dele que ganharão experiência para a vida, que treinarão as suas aptidões e capacidades. Se tu, Chefe, fizeres o lugar deles, não poderão ganhar essa experiência.

3.º O Escotismo é um jogo ao ar livre.

Não esqueças, pois, que o Escotismo é um jogo ao ar livre. Claro que isso não impede que o grupo tenha as suas actividades na sede. Mas é indispensável que faça o **jogo ao ar livre.** Não é uma saída para o campo por mero acaso, quando o sol brilha mais intensamente. É uma vida activa e alegre em plena natureza. Não julgues, porém, que vida ao ar livre é fazer acampamentos. Os acampamentos são apenas uma forma de vida ao ar livre, mas o teu grupo pode ter e deve ter uma vida intensa no campo, sem que por esse motivo esteja fazendo constantes acampamentos. O que é preciso é que saia com frequência da sede e da cidade e marche pelas campinas e pelas montanhas em busca da aventura. Se vai em busca da aventura, não deambula pelos campos. Leva uma finalidade e tem um objectivo: Busca a aventura!

Metido na sede, ouvindo palestras, escutando lições, especializando-se nisto e naquilo, está ocupado em assuntos muito sérios e importantes, mas, seguramente, não está fazendo *o jogo alegre ao ar livre em busca da aventura.*

Cada vez que um escoteiro boceja, afirma ao seu chefe que está longe do Escotismo, do jogo cheio de entusiasmo, ao ar livre.

E. R.

BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de nos enviar o seu cartão de Boas Festas os seguintes nossos amigos: srs. Asdrúbal Magalhães, Francisco do Nascimento Pina, Humberto Gomes de Freitas, Júlia Maria de Oliveira e Silva Estêvão da Silva e Justino Estêvão da Silva, Luiz Simões Aurélio, Rev. Vidal Vieira dos Santos, Floriano Pereira Pinheiro, José Ferreira Fernandes, Wolfgang Karl, Carlos da Silva Bentes, Dr. Aires Serrano e Silva, Edmundo de Matos, de Lourenço Marques; Tenente Manuel Canhão Fernandes. Manuel Ferreira Valério, Maria Antonieta dos Santos Alves Rosa, Armando Rosa e Almerindo Gonçalves Fernandes.

José Delgado e Victor Perez Rios, de Vigo, Espanha; François Baradez, de Paris; Eng.º Frederico Kreindl, de Linz, Áustria; H. U. Würsten, Clube Alpino Escoteiro e Chalé Internacional Escoteiro, de Kandersteg, Suíça; Falcó Certer e F. I. D. E. de Barcelona, Serviços de Informação dos Estados Unidos da América, Conselho Interamericano de Escotismo, Luiz Pezoa Gusman, comissário internacional dos Escoteiros do Chile.

Junta Central do Corpo Nacional de Escutas, Victor de Lima e Santos, comissário internacional do C. N. E., Junta Local de Setúbal, Grupo 9, Campanhã, Porto; Grupo 90, Alcateia 53, S. Miguel das Aves; lobitos dos Grupo 8 da Sé, Porto; todos do C. N. E.

Grupos 2, 5, 7, 10, 53 e Pedro Álvares Cabral, de Lisboa; Grupos 4 e 15 do Porto, 6 de Olhão, 33 de Leiria, 60 de Vila Real de Santo António, 84 do Entroncamento, 93 de Sintra, dos Escoteiros de Portugal.

O nosso dedicado correspondente em Angra do Heroísmo, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, enviou-nos um gentil telegrama.

A todos «Sempre Pronto» agradece muito reconhecido, retribuindo os votos com desejos de muitas felicidades no Novo Ano.

* * *

A casa Quintino, Ltd.ª, da Rua da Prata, 141-2.º, em Lisboa, enviou-nos um calendário de secretária, atenção que agradecemos.

Ora faça o favor de rir...

NO VETERINÁRIO

Veterinário: — *Ó minha senhora! Repito: V. Ex.ª está enganada! Eu sou médico, sim, mas veterinário especialista no tratamento de raiva dos animais. Queira V. Ex.ª ir consultar um médico.*

Senhora: — *Não se negue, sr. Doutor. Oiça-me! Foi o meu genro que me indicou o seu consultório.*

DEPOIS DOS EXAMES

— Com que então o seu filho premiado.

— É verdade... Estou doido de contentamento!

— Compreendo essa comoção. Também senti isso quando o meu cavalo foi premiado nas corridas.

COMO O PÚBLICO DE LISBOA



O sr. António Gonçalves Correia fazendo as suas declarações

O «Sempre Pronto» desceu à rua a perguntar ao povo o que ele pensa a respeito do Escotismo.

Todos nós gostamos de saber a opinião dos outros sobre aquilo que fazemos, sobre o que somos, sobre aquilo a que damos apreço. Foi instigados por essa curiosidade que quisemos saber a opinião do público de Lisboa sobre a organização a que todos nos orgulhamos de pertencer: o Movimento Escotista.

Devemos confessar que a colheita não nos foi muito lisonjeira: não que tivéssemos ouvido opiniões desfavoráveis, não senhor, mas porque um facto se tornou saliente: a ignorância do Escotismo pelo povo desta cidade, o que, em certo sentido, é mais desprimoroso que um conceito menos favorável.

O povo de Lisboa quase ignora o Escotismo. Ouviu falar em tempos de Escoteiros, certamente desses rapazes que envergaram o uniforme nos tempos heróicos do nosso movimento. Hoje, para ele, essa organização caiu no esquecimento. Há tanto tempo que não vêem esses rapazes...

* * *

O nosso primeiro entrevistado foi o sr. António Gonçalves Correia, praça do 1.º Esquadrão da Guarda Nacional Republicana. Quando lhe perguntámos se já tinha travado conhecimento com o Escotismo, respondeu simplesmente que não, nunca tivera essa oportunidade.

Fizemos-lhe segunda pergunta:

—Gosta do nosso movimento?

—Sim, tudo que tenho ouvido a respeito do Escotismo tem despertado a minha simpatia.

—Se um dia lhe fosse dado entrar para um grupo de escoteiros, teria aproveitado essa oportunidade?

—Sim, teria gostado de pertencer a essa organização.

Perguntámos-lhe se havia algo no escotismo que lhe desagradasse, ao que o nosso interlocutor respondeu que, de uma maneira geral, gostava de tudo.

A última pergunta surgiu:

—Na sua vida, há algum acontecimento relacionado com o escotismo?

—Por acaso nunca tive qualquer relação com o Escotismo nem com escoteiros.

Entrevistámos depois o sr. António Matos da Silva Fernandes, de Idanha-a-Nova.



«Considero o Escotismo muito bom para a formação do rapaz»—declara o sr. Silva Fernandes

Este senhor declarou, amàvelmente, que considerava o Escotismo muito bom para a formação do rapaz, mas que não conhecia bem esta organização, com a qual, aliás, nunca estivera relacionado.

Quando lhe perguntámos se teria gostado de ser escoteiro, respondeu:

—Penso que gostaria. No entanto, como tenho vivido sempre na Província, nunca tive possibilidade de entrar para um grupo de escoteiros, pois lá não havia nenhum.

Foi depois a vez de nos avistarmos com o sr. Joaquim Serra, carteiro. Como a sua profissão justifica, declarou que já conhecia o nosso jornal.

Perguntámos-lhe se tinha já travado conhecimento com o Escotismo. Respondeu-nos:

—Em parte, talvez, pois tenho um filho com 22 anos que pratica o Escotismo.

—Em ocasião de perigo—assim respondeu ele à segunda pergunta—o Escotismo mostra-se muito útil, o que já tive ocasião de verificar, porque morei muito tempo em frente do Grupo n.º 7.

À nossa pergunta se gostava de ter sido escoteiro, respondeu que não.

Outra pergunta:

—Mas há alguma coisa no Escotismo com que não simpatize?

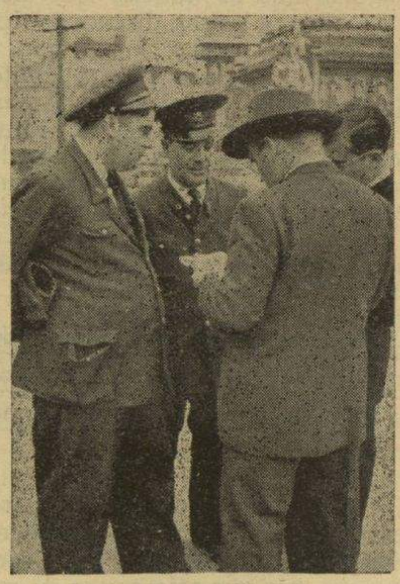
—Não privo com a rapaziada —respondeu—mas acho tudo bem.

A seguir, falámos com o guarda da Polícia de Segurança Pública, sr. José Prata, que nos declarou que nunca tinha contactado com escoteiros.

—Sim, senhores,—continuou o sr. Prata,—simpatizo com o vosso movimento. Gosto, particularmente de ver esta rapaziada em paradas, como hoje tivemos ocasião de admirar.

Perguntámos-lhe se teria gostado de ser escoteiro. Redarguiu:

—Decerto que teria gostado. Na



«Em ocasiões de perigo o Escotismo mostra-se muito útil» — é a opinião do sr. Joaquim Serra

Viver sem ter sentido um verdadeiro amor, é ter deixado passar a vida sem viver.

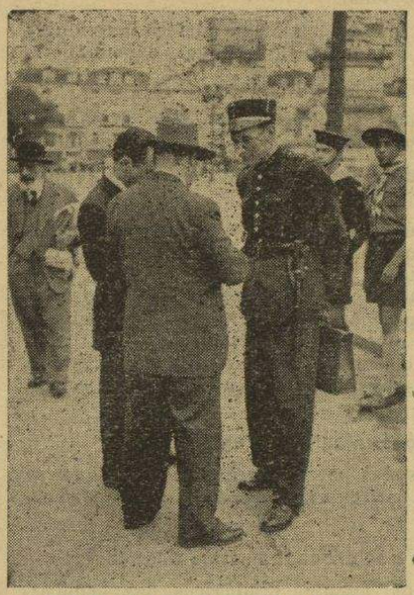
SAUVIATI

●

A vida foi-nos dada por Deus para que a empreguemos em benefício da humanidade.

G. MAZZINI

SE REFERE AO ESCOTISMO



O sr. José Prata a ser entrevistado

minha terra, perto de Castelo Branco, chegou a haver um grupo de escoteiros, mas, quando se formou, estava eu para casar, portanto a a ocasião não era propícia.

O nosso interrogatório continuou:

—Dentro da sua missão de guarda já teve ensejo de tratar com escoteiros?

—Por acaso não; mas alguns meus colegas já se têm referido ao precioso auxílio que têm encontrado nesses rapazes em certas ocasiões.

Encontrámos, a seguir, o sr. Raul Baldomero Teixeira, que envergava o uniforme de bombeiro. Dados os pontos de contacto que existem entre a nossa organização e os chamados soldados da paz, não quisemos perder a oportunidade de ouvir este amigo, que se pôs, solìcitamente, à nossa disposição.

Só os bons sentimentos podem unir-nos uns aos outros; nunca o interesse determinou ligações firmes.

COMTE

•

Um povo que se apaixona pela educação já tem alcançado a metade do caminho a percorrer.

CARNET

—Não tenho contactado directamente com os escoteiros, mas conheço muito bem a vossa organização, que, aliás, em muitos pontos, se assemelha aos bombeiros na sua nobre missão. Por isso, dedico-lhe a minha melhor simpatia.

Agradecemos este elogio tão espontâneo e perguntámos ao sr. Teixeira se teria gostado de ser escoteiro.

—Sim, teria gostado. Em Santarém, onde vivi, havia um grupo de escoteiros. No entanto nunca fiz parte dele.

A terminar as suas interessantes declarações, o sr. Baldomero Teixeira referiu-se que nunca tinha encontrado escoteiros a auxiliá-lo na sua missão de bombeiro.

Para fechar com chave de ouro a nossa série de entrevistas, tivemos o prazer de ouvir a Sr.ª D. Ester Oom que, por feliz coincidência, pertence a uma família ilustre que conta dois dedicados escoteiros de outros tempos.



O sr. Raul Baldomero Teixeira mostra-se conhecedor dos objectivos do Escotismo

Esta senhora, que seguia acompanhada de uma menina sua parente, afirmou que, apesar de pertencer a uma família onde se contam dois antigos escoteiros e uma escoteira, pouco sabia do escotismo, nunca tendo travado conhecimento com esta organização.

—Porém, considero-a muito útil —prosseguiu—e é mesmo muito boa. Agrada-me muito a forma correcta como os escoteiros se portam.

Agradecemos a esta senhora as suas referências elogiosas e encerrámos, assim, esta reportagem.

As almas viris podem vergar num momento, mas não quebram.

L. A. REBELO DA SILVA

Por estas breves declarações, escutadas ao acaso entre o povo de Lisboa, pode-se sentir o esquecimento a que está sendo votado o nosso movimento apesar da simpatia que geralmente todos lhe dedicam, sem que profundamente o conheçam. O público raramente vê os nossos rapazes que, ao contrário dos avisos de B.-P., continuam encerrados dentro das suas sedes.

Se algum dia voltarmos a fazer uma reportagem semelhante, o povo desta cidade encontrar-se-á melhor elucidado acerca do nosso Movimento? Eis uma pergunta a que não se poderá responder fàcilmente.

Dr.ª LÍDIA DE MEDEIROS

Depois de uma estadia de cerca de 4 meses em Paris e Bruxelas, ocupada em trabalhos de investigação científica, regressou a Lisboa a distinta bióloga e nossa estimada colaboradora, dr.ª Lídia de Medeiros, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

• o •

PROVAS DE PRIMEIRA CLASSE

HIGIENE

«Sempre Pronto» prossegue hoje a publicação das provas de primeira classe com a inserção de um notável trabalho do nosso distinto amigo e antigo escoteiro sr. dr. Leopoldo de Figueiredo, pessoa muito qualificada para apresentar esta prova de classe, visto aliar aos conhecimentos do Escotismo a sua comprovada competência profissional como médico higienista e digno adjunto do Delegado de Saúde de Lisboa. Estamos certos de que os Escoteiros-Chefes encontrarão no trabalho do nosso ilustre colaborador um óptimo auxílio para a instrução desta especialidade. Ao sr. dr. Figueiredo endereçamos os nossos agradecimentos.



A sr.ª D. Ester Oom afirma: «Agrada-me muito o procedimento dos Escoteiros».

II

HIGIENE

PELO DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO
ADJUNTO DO DELEGADO DE SAÚDE DE LISBOA

2) *Desenvolvimento das noções de higiene anteriormente adquiridas (Prova II de 2.ª classe)*
3) *Perigos de álcool, do tabaco e sexuais —(Provas complementares para caminheiros)*

1.º—O que é a higiene?

É a ciência de prevenir as doenças, de prolongar a existência, de promover a saúde física e mental e melhorar as condições de vida.

2.º—Qual a finalidade da higiene?

Educar e melhorar o homem no seu tríplice aspecto: mente, corpo e espírito. E através o homem, promover o aperfeiçoamento orgânico e social da família, dos povos, das nações, da humanidade. Incide por conseguinte o seu objectivo imediato sobre o homem são, para que seja um elemento útil e valioso no agregado social a que pertence. Defende-o, pois, da doença, dos males morais, dos vícios e torna-o apto para a vida em cooperação com os outros homens, numa comunidade sã e produtiva.

3.º—Como realiza a higiene os seus fins?

Promovendo, através o esforço comum do aglomerado humano: a)—um melhor saneamento do meio habitacional; b)—uma luta eficiente contra as doenças infecciosas; c)—uma sadia alimentação; d) uma organização do trabalho em relação com as possibilidades energéticas dos indivíduos; e)—as condições médicas e sociais necessárias para a manutenção da saúde em luta contra o desgaste orgânico; f)—a educação individual dos princípios sanitários e morais.

4.º—Quais as ciências que mais contribuem para a realização dos princípios da Higiene?

A higiene baseia-se em várias ciências, se não em todas elas: a medicina, a engenharia, as ciências naturais, a matemática, a química, a física, a sociologia, a psicologia etc., etc.; todas elas se combinam na elaboração das leis da higiene.

5.º—Porque responsabilizar o agregado humano pela organização e cumprimento das leis da higiene?

Compete naturalmente aos indivíduos resolver os assuntos que lhe dizem respeito. É ao agregado humano organizado que se deve a criação das leis sociais que auxiliam o homem na conservação da existência e na realização do trabalho.

As leis sociais têm feito mais pela higiene do que o esforço isolado de qualquer das entidades científicas. ¿Que interesse, por exemplo, pode ter o chegar-se à conclusão de que as moscas são transmissoras de doenças, se socialmente não se promover a remoção de todas as causas do seu desenvolvimento? Que interesse há em saber-se que tal vacina impede a respectiva doença, se não se promover a vacinação das massas humanas? Que vantagem há em saber-se que um flagelo como a tuberculose é já dominável, se não houver um esforço comum para o resolver?

6.º—Quais são os principais executores dos meios de acção da higiene?

O médico, o veterinário, o químico, o bacteriologista, o engenheiro, o economista, o sociologista, o ministro da religião, o professor, o assistente social, o escoteiro, etc., etc.

7.º—Como classificar a higiene?

A higiene pode dividir-se em:

a)—**Higiene geral**—que estuda o solo, a atmosfera, o clima, as águas, os alimentos.

b)—**Higiene individual**—que incide sobre os cuidados corporais, o vestuário, os exercícios físicos, a nutrição, a saúde dos diferentes sistemas orgânicos.

c)—**Higiene pública**—que trata das aglomerações urbanas e rurais.

d)—**Higiene social**—que se preocupa com a bio-estatística e com a demografia sanitária; com os factores hereditários e a eugenia; com a valorização da raça; com a manutenção da saúde infantil, com a criança na idade escolar, com a juventude com os seus problemas especiais, com o adulto e com o velho; com o estatuto e higiene do trabalho; com a assistência; com a moralidade social; com a orientação profissional.

e)—**Higienes especiais**, que se ocupam de núcleos individuais restritos, como a Higiene militar, naval, colonial, etc.

8.º—O que é a Medicina Preventiva?

É um capítulo importante da medicina, que orienta a Higiene social no estudo da forma como evitar as doenças.

9.º—De que trata a Epidemiologia?—O que é uma epidemia?—uma endemia?

A *Epidemiologia* é outro importante capítulo da medicina, que estuda a propagação e o desenvolvimento das doenças infecto-contagiosas.

Chama-se *Epidemia* à expansão rápida duma doença infecto-contagiosa que aparece sùbitamente e que atinge simultâneamente um grande número de indivíduos.

Endemia quando os casos de doença são mais raros e espaçados, revelando assim que a doença existe em estado latente.

10.º—O que são doenças infecto-contagiosas?

São doenças causadas por microrganismos, e que se propagam de indivíduo para indivíduo após contacto directo ou indirecto.

11.º—Como aparecem e se propagam estas doenças?

Os microrganismos, agentes etiológicos das doenças, são fracos e não se multiplicam em condições adversas de temperatura e humidade, necessitando, portanto, para se manterem, dum «habitat», vivo—que são ou homens ou animais. Desses reservatórios vivos passam para o homem através um contacto íntimo ou por meio de agentes transmissores.

12.º—Dê exemplo de algumas doenças cujo reservatório é o homem.

Febre tifóide.
Cólera.
Disenteria.
Malária.
Tifo exantemático epidémico.
etc., etc.

13.º—Dê exemplo de algumas doenças cujo reservatório são os animais.

A triquinose (reservatório—o porco).
A raiva (reservatório—o cão).
Febre de Malta (reservatórios principais: o gado vacum, caprino e ovino).
Peste (reservatório—o rato).
Psitacose (reservatório—o papagaio).
etc.

14.º—Como se faz o contágio?

Por contacto directo: entre o homem doente e o homem são.

Por contacto indirecto: *a*)—Através a água, o sol e os alimentos.

b)—Através os agentes transmissores.

15.º—O que são agentes transmissores?

São animais (insectos, aracnídeos, etc.) que transmitem as doenças dos reservatórios, ou do homem doente ao homem são.

16.º—Qual a porta de entrada da infecção no homem, isto é, qual o modo e o lugar de penetração do microrganismo no organismo humano?

O microrganismo entra no organismo humano através soluções de continuidade da pele e das mucosas, através o sangue, através a boca, e ainda através outras cavidades naturais do organismo.

17.º—O que é a imunidade?

É a barreira que o organismo interpõe à invasão e ao progresso dos microrganismos. Pode ser natural ou adquirida.

18.º—Como se consegue provocar a imunidade?

Por meio de vacinas.

19.º—O que são vacinas?

Chama-se vacina a toda a substância que, intruduzida no organismo, é capaz de determinar uma infecção atenuada através da qual esse organismo se torna mais ou menos completamente refractário à doença infecciosa que se pretende prevenir.

(Conclui na página 9)

HIGIENE

(Conclusão da página 8)

20.º—Quem primeiro iniciou o uso da vacina?

Jenner, de naturalidade inglesa, nos fins do século XVIII.

21.º—Qual foi a vacina usada por Jenner?

Foi a vacina anti-varíolica, que consistia na inoculação do exsudado das pústulas da varíola das vacas.

22.º—Quem foi que deu grande incremento ao estudo das vacinas, às suas possibilidades e vantagens?

Pasteur, na segunda metade do século XIX.

23.º—Quem foi Pasteur?

Um homem de grande intuição, estudo, fé e humildade. Não sendo propriamente um médico, mas sim um químico, foi o revolucionador da ciência médica pela criação da bacteriologia. A sua acção é de tal modo grandiosa que se podem marcar duas épocas completamente diferentes na história da medicina—antes de Pasteur e depois de Pasteur.

24.º—Quais as principais causas de doenças?

—O próprio doente que, contagiando outros indivíduos propaga assim a doença.

—Os alimentos infectados e deteriorados (principalmente o leite e a água).

—As moscas.

—A falta de asseio geral do corpo e principalmente, das mãos.

—Uma habitação sem higiene, sem sol, sem ventilação, sem espaço necessário ao número dos seus habitantes.

—Uma comunidade insalubre, sem água, sem esgostos, sem serviços de limpeza, sem leis de higiene, sem cuidados médicos.

25.º—Que deve fazer o escoteiro perante indivíduos doentes e ignorantes?

Ensinar-lhes que não devem beijar as crianças, ou mesmo apenas aproximarem-se delas, abrangendo-as na área da sua respiração. Que não devem expectorar para o chão, mas sim para dentro de recipientes com desinfectantes. Devem ter as mãos sempre limpas, evitar o aperto de mão, conservar exclusivamente para seu uso próprio a sua loiça e os seus utensílios de higiene, e dormir sòzinho num quarto bem ventilado e limpo. Procurar fazê-lo cumprir todas as indicações do médico.

26.º—Que se deve fazer perante um leite suspeito de contaminação?

Não o ingerir sem prévia fervura.

27.º—Que se deve fazer perante uma água suspeita de contaminação?

Ferver a água. Se não se puder ferver, desinfectá-la empregando a tintura de iodo, na dose de X gotas por litro, ou água de Javell, também na dose de X gotas por litro.

28.º—Qual o procedimento na luta contra as moscas?

Deve-se impedir que as moscas pousem nos alimentos, mantendo-os sempre cobertos. Evitar que as moscas entrem dentro da habitação, colocando redes nas janelas. Usar os insecticidas modernos, como o DDT e o «Gamexane». Fazer todo o possível por que as moscas não encontrem o meio propício para se reproduzirem.

29.º—Onde se reproduzem as moscas?

Onde houver substância orgânica em decomposição, lixos, estrumeira, detritos vegetais, etc. É por isso que a mosca é sinal de porcaria. O lixo tem de estar em recipientes fechados, as estrumeiras têm de ser bem defendidas, e os detritos orgânicos de qualquer espécie bem varridos nos logradouros, nas ruas, nos quintais, nos pátios, nos acampamentos.

30.º—Quais os cuidados a ter com a higiene dos acampamentos?

1.º—Boa localização do acampamento, com exposição ao sol, abrigado dos ventos, e num chão sem humidade.

2.º—Arrumação—não há higiene sem arrumação.

3.º—Asseio e limpeza impecáveis.

4.º—Boa administração campal e disciplina no cumprimento das leis. Sem disciplina não há ordem, e sem ordem não há possibilidade de higiene.

5.º—Correcta localização e construção das retretes, que devem estar distanciadas do acampamento e de qualquer curso de água ou nascente. O fosso deve ter cerca de 1 metro de profundidade, e junto deve haver sempre terra suficiente para nele se deitar todas as vezes que a latrina for usada.

6.º—Bom cuidado no arranjo dos lavatórios, de modo a permitir uma lavagem ampla do corpo, possivelmente com dispositivo para duches.

7.º—Cada escoteiro deve levar para o campo os seus próprios apetrechos de higiene.

8.º—Desinfectar a água, se houver suspeita da fonte de que se servem.

31.º—Quais são os perigos que mais ameaçam os adolescentes no seu crescimento e preparação para a vida?

Os vícios.

32.º—O que é um vício?

O vício é um hábito adquirido, prejudicial à saúde física e moral, e do qual o homem se torna escravo, diminuindo assim a sua vontade e o seu carácter.

33.º—Quais são os vícios mais comuns?

O álcool, o tabaco, o jogo, a ociosidade, as perversões sexuais.

34.º—Que sabe sobre os males do alcoolismo?

A ingestão do álcool em demasia e *continuadamente* produz lesões orgânicas de certa intensidade, principalmente ao nível do sistema nervoso, ocasionando a perturbação das faculdades intelectuais e da acção da vontade. Além destas lesões, que inutilizam o indivíduo no seu trabalho e o tornam elemento inútil duma sociedade, o álcool ocasiona *doenças irreparáveis* no aparelho digestivo, principalmente no fígado, e ainda em outros sistemas do organismo.

35.º—Que sabe acerca do tabagismo?

O vício do tabaco torna-se prejudicial, não só pelo aspecto repugnante que a boca e dedos apresentam, mas também, e o que é mais grave, por ocasinar doenças sérias de vários órgãos, como dos aparelhos respiratório, cardíaco e digestivo. As últimas investigações revelam que o cancro do pulmão aparece com frequência nos indivíduos que fumam demasiadamente.

DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO

PASTELARIA IMPERIAL, L.DA

Avenida António Augusto de Aguiar, 27
Telefone 4 7108
LISBOA

PASTELARIAS
SALÃO DE CHÁ

SERVIÇO DE CASAMENTOS
E BAPTIZADOS

ESPECIALIDADE DA CASA

BIFES À IMPERIAL

TENDAS

E TUDO PARA

CAMPISMO

COM DESCONTO
AOS ESCOTEIROS

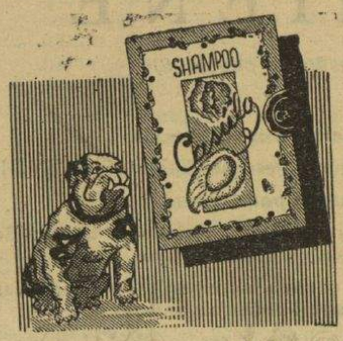
NO MAIS ANTIGO FABRICANTE
ESPECIALIZADO

VIEIRA CAMPOS

215, RUA DA PRATA, 217

TELEFONE 2 7606

LISBOA



O MELHOR GUARDA
DOS SEUS CABELOS
É O ADMIRÁVEL

SHAMPOO - CASULO

QUE, DE FACTO,
EVITA A CALVÍCIE

O "Shampoo-Casulo„ dá espuma abundante e compacta como nenhum outro, não é cáustico, não tem potassa, nem amónia, nem sabão oxigenado e dissolve caspa e seborreia.

Não há outro Shampoo igual, evita a queda do cabelo e as cabeleiras tornam-se mais fortes, espessas e onduladas.

«SHAMPOO-CASULO»:

Em Pó, carteira para Senhora, 5$00 e para Homem 4$00
Em Creme, para várias lavagens de cabelos de Senhora ou de Homem . . . . . 9$00
Em Líquido, frasco de 1 litro . . . . . 60$00

Depois da lavagem com o «Shampoo-Casulo», para fixar os cabelos, visto que ficam desengordurados e soltos, empregar «Brilhantina-Composta Nutritiva Casulo« (sem vaselina), que custa 18$00 o frasco, ou o «Creme Fixador Casulo para os Cabelos», Nutritivo-Vitaminado (sem gomas, sabão, etc.), que custa 22$00 o tubo grande. — Estes dois óptimos produtos mantêm o penteado muito mais tempo, fortificam os cabelos e couro cabeludo e tornam os cabelos brilhantes, flexíveis e sedosos.

À VENDA NAS MELHORES DROGARIAS, ETC., DO PAÍS

Únicos Fabricantes:

S. P. S. (Fábrica dos Produtos Casulo)
Rua dos Lusíadas, 29—LISBOA—Telef. 63 82 32

NOVA FÁBRICA, EM EDIFÍCIOS PRÓPRIOS, NA
QUINTA DA PORTELA—IDANHA (BELAS)—Telef. 092-078



UMA FICHA LIGADA...
...E MAIOR COMODIDADE
NO SEU LAR...

Se modificar o árduo trabalho da limpeza e conservação do lar, em trabalho simples, sua esposa ficará encantada e eternamente grata...

Os Aspiradores e Enceradoras "VACTRIC" são os aparelhos ideais para o tornarem crédor da gratidão da sua esposa.

Que prenda mais útil lhe poderá oferecer?

PEÇA UMA
DEMONSTRAÇÃO SEM
QUALQUER COMPROMISSO

Agência Comercial Sueca, L.da
Av. Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs. P. P. C. A 59181/2/3-LISBOA

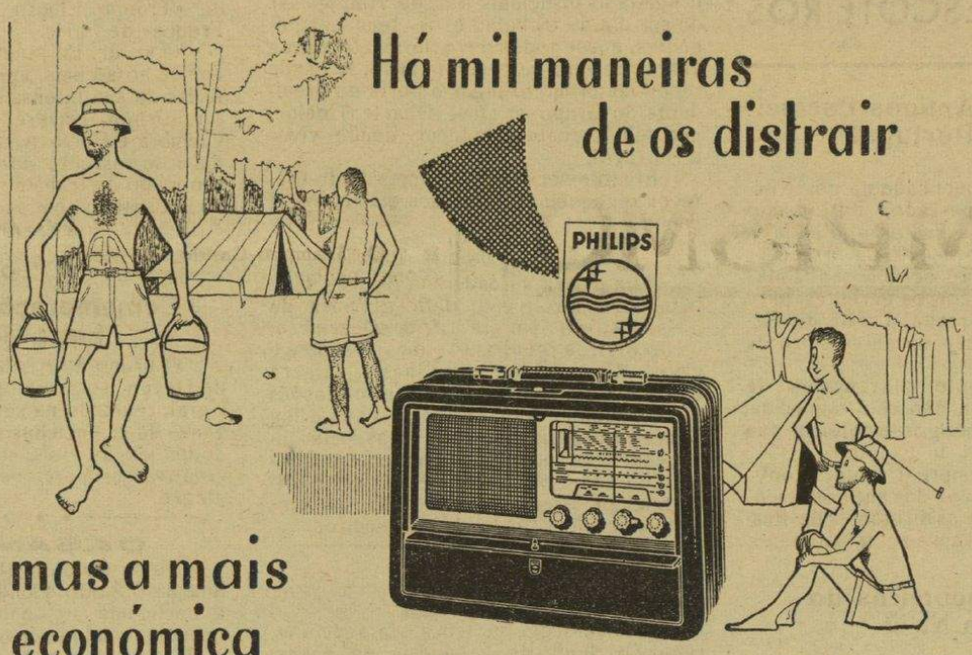
Fábrica de Farinhas
para Alimentação
de Animais

DE

A. R. DE FIGUEIREDO, L.DA

Rua Fernando Palha, 63 (Poço do Bispo)

Telefone 39 10 71 / LISBOA



Há mil maneiras
de os distrair

mas a mais
económica
é a radiofonia

PHILIPS É A MARCA DE RÁDIOS MAIS VENDIDA DO MUNDO
PROCURE-A NO PRÓXIMO AGENTE OFICIAL

Dantas Valladas & C.ª, L.da

FARMACÊUTICOS

CAIXA POSTAL 46 • LUANDA • TELEG. «CAOUTCHOUC»

Laboratório de análises e preparação de produtos farmacêuticos

O mais completo depósito de produtos químicos e farmacêuticos, especialidades nacionais e estrangeiras, instrumentos cirúrgicos e material hospitalar.

FARMÁCIAS

LUANDA
- DANTAS VALLADAS (Sede)
- FARMÁCIA ESPERANÇA
- FARMÁCIA SERRA
- FARMÁCIA COLONIAL

NOVA LISBOA
- FARMÁCIA ULTRAMARINA
- FARMÁCIA IMPÉRIO
- DROGARIA IMPÉRIO
- FARMÁCIA ANGOLA

MALANGE
- FARMÁCIA DANTAS

LOBITO
- FARMÁCIA NORMAL

GABELA
- FARMÁCIA LUSA

BENGUELA
- FARMÁCIA MODERNA

VILA ROBERT WILLIAMS
- FARMÁCIA IDEAL

RUA DA MADALENA, 132, 2.º — LISBOA

ANTIGOS ESCOTEIROS

Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

Apesar da local publicada no nosso número de Novembro passado, continuamos sem notícias da nossa Fraternal e nada se sabe acerca do cumprimento da promessa feita em Julho de que seriam realizadas eleições para novos corpos gerentes, para o que tinha sido marcada a data de Setembro último, ocasião do aniversário da A. E. P.

Estamos, no entanto, convencidos de que aquela promessa não está esquecida, já que se tratam de antigos-escoteiros que continuam fiéis à Lei do Escoteiro.

Entretanto, «Sempre Pronto» continuará a ser o porta-voz dos antigos escoteiros apelando para os dirigentes da Fraternal para que resolvam a actual situação.

Antigos Escoteiros do Grupo N.º 2

Reuniram-se no passado Domingo, dia 15 do corrente, num almoço de confraternização, os antigos escoteiros do 2.º grupo, acto de que faremos o devido registo no próximo número do «Sempre Pronto».

Comemorações do 1.º de Dezembro

Grupo n.º 84—Entroncamento

A banda deste grupo comemorou o Dia da Restauração percorrendo de madrugada as principais ruas da Vila, apesar de ser dia de trabalho e os seus componentes, quase todos ferroviários, terem de entrar ao serviço bastante cedo. A banda tocou em primeiro lugar à porta do presidente do Grupo, sr. José Duarte Coelho, que veio à janela agradecer, dando vivas a Portugal.

Findo o serviço, o sr. Presidente ofereceu o pequeno almoço aos elementos da banda.—*C.*

Grupo n.º 52—Angra do Heroísmo

Esta activa unidade dos Açores também comemorou esta data gloriosa da nossa história. No dia 1.º de Dezembro, os escoteiros reuniram-se na sua sede e o Chefe Moniz Silva dirigiu-lhes a palavra evocando o significado das comemorações e recordando o papel de relevo que a ilha Terceira desempenhou nas lutas pela independência nacional. O caminheiro Leopoldino Tavares e o Escoteiro Heitor Silva também discursaram relatando os episódios heróicos do 1.º de Dezembro.

• • o • •

Natal dos Pequeninos

Grupo n.º 2—Lisboa

Esta unidade, que tem a sua sede instalada na Junta de Freguesia da Ajuda, realizou no Dia de Natal uma festa dedicada às criancinhas pobres, a quem ofereceu um lanche, brinquedos e agasalhos, adquiridos com donativos recebidos entre comerciantes daquela freguesia.

DR. GEORGE LE MUET

Deu-nos o prazer de sua visita nos últimos dias do ano, o nosso dedicado amigo sr. dr. Georges Le Muet, ilustre médico do Hospital de Fez e ex-escoteiro-chefe do «Troupe Liberté des Éclaireurs de France» de Paris.

O sr. dr. Le Muet, que é um admirador do nosso país, aproveitou umas curtas férias da sua intensa actividade para visitar Lisboa, Nazaré, Alcobaça, Batalha, Coimbra e Porto, partindo de Lisboa no dia 1 do corrente para Sevilha rumo ao seu posto de trabalho, tendo-se manifestado encantado com as belezas de Portugal e prometendo regressar para outra visita mais demorada.

• • o • •

Comemorações do Natal

Grupo n.º 94—Ajuda

O grupo da Ajuda realizou no dia 31 de Dezembro a sua já tradicional festa do Natal, reunindo na sua sede algumas dezenas de criancinhas, a quem foi distribuído um lanche e oferecida uma sessão recreativa, proporcionando-lhes uma tarde alegre.

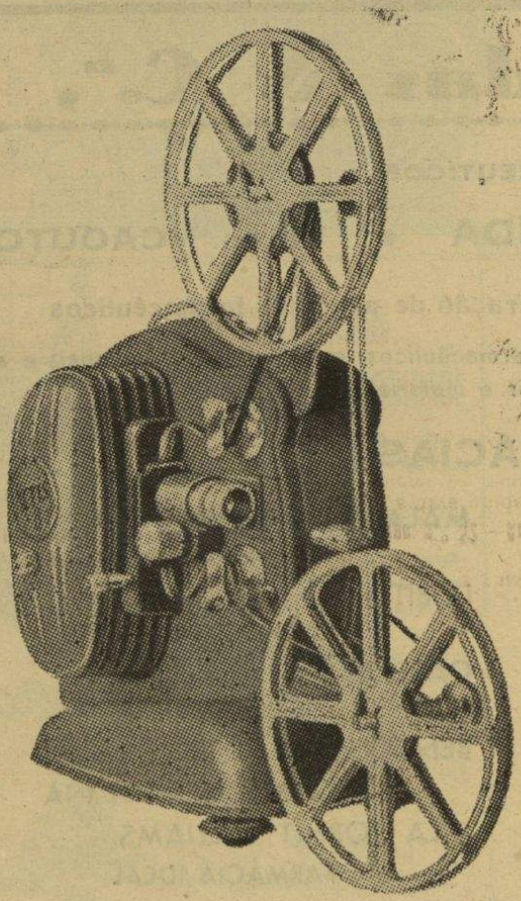
• • o • •

CASAMENTO

No passado dia 18 de Dezembro, na igreja do Santo Condestável, realizou-se a cerimónia do enlace matrimonial do nosso estimado assinante Escoteiro Armando Rosa, com a sr.ª D. Maria Antonieta dos Santos Alves, na presença de muitos amigos e convidados.

«Sempre Pronto» formula votos muito sinceros de mil felicidades e venturas aos jovens noivos.

MÁQUINAS DE PROJECTAR NORIS



Modelo Junior 2.400$00

Prestação mensal 200$00

Modelo Super 4.650$00

Prestação mensal 300$00

AVENIDA DA LIBERDADE 131 Bardo